



# A CULTURA DO CORPO\*

ARTIGO

*Maria Eduarda da Mota Rocha\*\**

*Resumo:* A proposta deste artigo é discutir a “cultura do corpo”, ou seja, as práticas de culto e cultivo ao corpo que contribuem na construção do indivíduo moral e na expressão da realidade física dotada de valor estético.

*Palavras-chave:* cultura do corpo, disciplina, featherstone, Foucault.

## INTRODUÇÃO

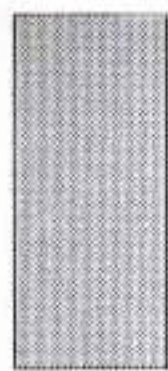
Tomamos como objeto de discussão a “cultura do corpo”, esse conjunto de práticas e representações que têm no corpo o seu suporte material, seu instrumento de realização, sua finalidade (beleza e saúde) e seu segmento de mercado. Ajustando um pouco mais o foco deste trabalho, diríamos que nem toda prática ou representação de corpos, ou sobre os corpos, integra esta discussão, mas apenas aquelas que buscam fazer do culto e do cultivo do corpo o *locus* onde os indivíduos se efetivam como sujeitos morais e se expressam como realidade física dotada de valor estético.

Um acesso para o estatuto do corpo na “cultura do consumo” é a abordagem de Mike Featherstone, quando aponta a estetização da vida cotidiana como um traço central das sociedades contemporâneas. O corpo, neste quadro, é tomado como veículo de prazer e de auto-expressão. É o constructo social e a matéria

---

\* Este artigo foi apresentado como trabalho final da disciplina “Legitimidade e moralidade na construção da ordem social burguesa”, ministrada pelo prof. Sérgio Adorno, no primeiro semestre de 1995.

\*\* Mestranda em Sociologia, USP. Bolsista do Programa de Formação de Quadros do Cebrap.



### A cultura do corpo

Maria Eduarda da Mota Rocha

sensível por meio dos quais o sujeito se apresenta, nos quais sua saúde se materializa e sobre os quais se propagam imagens consumíveis. Esta será a referência a partir da qual traçaremos uma diretriz de análise, mesmo se o fazemos para mostrar que, neste caso, não cabe uma análise linear.

As encruzilhadas se evidenciam com a introdução dos conceitos de “sociedade disciplinar” e de “estética da existência”, ambos tomados nos termos de Michel Foucault. Isto porque, nestes termos, o corpo adquire um duplo estatuto: é tanto o emblema de uma “arte da existência” quanto o alvo de mecanismos disciplinares. O resultado desse cruzamento é a profusão de aspectos particulares da “cultura do corpo”, abordados com a ajuda do rico instrumental teórico de Featherstone e de Foucault, mas tomados, em sua particularidade, como irreduzíveis a um conceito único, seja o de disciplina, seja o de corpo reificável. Nesse sentido, pensamos estar próximos de Foucault quando ele diz que “o pensamento não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (1979: 28).

E nada mais afiado do que o cotidiano dos indivíduos. Por isso, como base para a discussão, trouxemos elementos de nossa própria experiência enquanto usuária de uma academia de ginástica e analisamos uma revista que atualiza e explicita as matrizes centrais do que aqui chamamos de “cultura do corpo”. O objetivo não é confirmar hipóteses previamente elaboradas, mas apenas levantar elementos para uma discussão sobre o culto e o cultivo do corpo nas sociedades contemporâneas. Como uma primeira exploração do tema, a proposta não é uma análise exaustiva ou detalhada. Para isso teríamos, por exemplo, de considerar a diversidade de produtos materiais e simbólicos voltados para o cultivo do corpo, bem como matizar as diferenças nos seus usos e significações em setores sociais particulares. Não é o caso. Aqui queremos apenas sugerir um começo para o tratamento da questão.

A revista, este ponto de partida, foi escolhida segundo um duplo critério: um certo tempo no mercado e uma temática próxima de nossa problematização. Elegemos, então, a revista *Saúde, Beleza e Forma Física*, que está há três anos no mercado e em seu 32º



número<sup>1</sup>. Já no seu título ela indica a multiplicidade de significados que recobrem o corpo nas sociedades contemporâneas. É importante deixar claro que ela não foi tomada como síntese ou reprodução mimética dos gostos dos consumidores, mas como um produto cultural de massa que, enquanto tal, deve tanto *visar* a um público específico e o mais amplo possível, como também se *deslocar* em sua direção, na tentativa de capturar demandas potenciais deste público. A distância entre o seu projeto comunicativo e a efetiva identificação com os anseios do público-alvo foge inteiramente ao alcance desta análise. A sua importância como fonte deve-se ao fato de que delineia um projeto de comunhão de valores com um público particular, projeto este que parece indicar a existência de um filão de mercado mais amplo, centrado no cultivo do corpo. A relativa simbiose da revista com práticas que extrapolam o seu âmbito imediato é sugerida pelo fato de que muitos dos que nela escrevem são temas de matérias suas: instrutores de academia, atletas, nutricionistas, profissionais que vivenciam o cultivo do corpo também em outras instâncias. Esta constelação de produtos e práticas culturais centradas no corpo e atualizadas de modo particular pela revista será o terreno sobre o qual se firmará a discussão a seguir.

### CULTO, CULTIVO E DISCIPLINA DO CORPO

Mike Featherstone relaciona o culto ao corpo numa sociedade do consumo à estetização da vida cotidiana, que se apresenta sob três diferentes formas: a diluição dos limites entre a arte e a vida, em correntes artísticas específicas como o dadaísmo, o surrealismo ou a arte pós-moderna dos anos 60; o desejo de transformar a própria vida numa obra de arte, cujo *dandy* de Baudelaire, ainda no século XIX, é o emblema mais destacado; e o rápido fluxo de signos e imagens que satura a vida cotidiana nos dias de hoje.

Em *Consumer culture and postmodernism* ele se dispõe a fazer uma genealogia desse fruir estético contemporâneo, tentando

#### A cultura do corpo

Maria Eduarda da Mota Rocha

---

<sup>1</sup> Informações colhidas em maio de 1995.



## A cultura do corpo

Maria Eduarda da Mota Rocha

circunscrever alguns de seus aspectos para depois remetê-los à sociedade burguesa de meados do século XIX. É um movimento que desemboca na perda da aura das obras de arte, numa estética do desejo, da sensação e do imediatismo. E, segundo Featherstone, caracteriza uma cultura *figural*, que lança mão de mecanismos de significação específicos e diferentes do discurso propriamente dito: “Imagens, diferentemente da linguagem (verbal), baseiam-se em memórias de percepção associadas ao inconsciente, e que não são estruturadas, como a linguagem (verbal), com regras sistemáticas. Imagens significam iconicamente, isto é, por meio de semelhanças” (1991: 69)<sup>2</sup>.

A experiência estética contemporânea, segundo Featherstone, é diferente daquela pensada por Kant, que a via como resultante de um ponto de vista distanciado e contemplativo. Viveríamos agora uma época que, no mesmo movimento em que associa prazer estético e imersão instantânea, alarga a gama de objetos que podem e devem ser fruídos esteticamente.

O autor vai buscar a origem desses processos nas grandes cidades do século XIX, com seu intenso fluxo de corpos, imagens e mercadorias, em suas feiras, *carnivals*, espetáculos públicos e lojas de departamento. Eram também as sedes de movimentos artísticos e intelectuais envolvidos nessa estetização, grupos que difundiam gostos e valores para um público mais extenso. Aquele momento teria em comum com a contemporaneidade a ênfase em processos primários, o incremento do fluxo de imagens, as mercadorias e corpos postos em exposição.

Para Featherstone, esses espaços são a contraface do processo civilizatório. Uma espécie de “descontrole controlado de emoções” (1991: 81)<sup>3</sup>, um momento em que se pode experimentar sensações, visualizar os corpos e mercadorias em exposição, dar vazão ao desejo de uma maneira institucionalizada. São espaços onde se recupera a alteridade do “grotesco” que o processo civilizatório tenderia a expelir.

Assim acontece a apropriação do “carnavalesco” pelas classes médias, que desta forma se distanciam de uma personali-

<sup>2</sup> Tradução livre. “*Images unlike language are based upon perceptual memories which draw on the unconscious, which is not structured like language with systematic rules. Images signify iconnically, that is through resemblances.*”

<sup>3</sup> Tradução livre: “*controlled de-control of the emotions*”.



de formada sob o completo domínio de uma ética puritana e se educam em função de sensibilidades e gostos que lhes projetam numa vida cotidiana estetizada. Institucionalizam-se a busca de sensações e a vivência de emoções no âmbito do consumo.

O incremento da produção, sobretudo nas primeiras décadas deste século, com o desenvolvimento de novas técnicas de gestão científicas, de novas formas de organização do trabalho e de linhas de produção, deslocou a atenção para o pólo do escoamento e do consumo do excedente. O crescimento dos salários e a criação do crédito ao consumidor vêm atender a essa necessidade. Mas foi preciso algo mais: “Os trabalhadores, que tinham se habituado à retórica do comedimento, trabalho árduo e sobriedade, tiveram que ser educados para apreciar um novo discurso centrado no estilo de vida hedonista, que redundava em novas necessidades e desejos” (1993: 19)<sup>4</sup>. A publicidade seria a guardiã dessa nova moral.

É sobre esse pano de fundo que se projeta a preocupação com o corpo para Mike Featherstone, sintetizada no seu texto *The body in consumer culture*. Na cultura do consumo, a publicidade, a imprensa, a TV, o cinema proliferam imagens estilizadas do corpo, agora objeto de um novo mercado de bens e signos em expansão.

O tempo e as oportunidades de exposição do corpo também se multiplicam com o crescimento do consumo. Não somente no que se refere aos artigos e mecanismos vendáveis para a melhoria de sua saúde ou aparência, mas também porque agora a procura por mercadorias encoraja o “consumo voyeurístico” (FEATHERSTONE, 1993: 19). Comprar implica uma expedição em um espaço público anônimo onde certos padrões de vestuário e aparência são apropriados. Crescem, portanto, as oportunidades de exposição e vigilância.

Featherstone aplica ao corpo a idéia de reificação, tentando mostrar que é na aparência que se deposita o seu valor-de-troca. A reificação, conceito desenvolvido por Lukács, implica a primazia do valor-de-troca sobre o valor-de-uso, ao tomar os objetos como alheios às atividades que os constituem. Aqui ela pode ser entendida como efeito da extensão da lógica da mercadoria para outros

#### A cultura do corpo

Maria Eduarda da Mota Rocha

<sup>4</sup> Tradução livre. “(...) workers who had become used to the rhetoric of thrift, hard work and sobriety, had to become ‘educated’ to appreciate a new discourse centred around the hedonistic lifestyle entailing new needs and desires.”



### A cultura do corpo

Maria Eduarda da Mota Rocha

aspectos da vida social. No tocante ao corpo, tem-se uma leitura na qual a aparência, vitrine de seu valor-de-troca, desponta como o seu conteúdo mais importante e até mesmo como a sua principal razão de ser.

Levada ao seu extremo, a idéia de reificação pode desembocar na fluidez de significado dos objetos no mundo moderno: “A publicidade, em particular, tira vantagem e promove o efeito de significação flutuante, transvalorando a noção de uso de maneira que qualquer qualidade ou sentido particular pode ser associado a qualquer produto cultural” (FEATHERSTONE, 1993: 20).

É um efeito associado ao domínio da mídia visual, que, como diz Featherstone, constrói significados por meio de semelhanças e aproximações, podendo, portanto, inserir um dado objeto numa cadeia de signos específica onde ele adquirirá um sentido particular e arbitrário (arbitrariedade esta que implica maior margem de liberdade para a mídia e o *marketing* no trato dos objetos que pretendem promover).

Essa dinâmica abarcaria o corpo como objeto reificável, ao qual diferentes estilos e usos podem ser associados. É hoje intensamente fruído como objeto estético, não somente pelos outros, mas pelo próprio indivíduo. É seu veículo de prazer e auto-expressão. Além do mais, na cultura do consumo se propaga a idéia de uma certa plasticidade do corpo. Ao que se pretende, suas características, se bem trabalhadas e exercitadas, podem vir a atender padrões de beleza e saúde. É a chave para a “cultura” do corpo. Introduzimos esta noção para ressaltar a dimensão ética da relação dos sujeitos com seus corpos, também nas sociedades contemporâneas. E se esta dimensão não elimina o caráter de objeto estético do corpo, tampouco exclui seu disciplinamento. Muito pelo contrário.

Se analisarmos uma academia de ginástica, por exemplo, não será difícil encontrar similitudes com os mecanismos disciplinares tais como tratados por Foucault em *Vigiar e punir*. Ora, a disciplina é justamente uma “anatomia política do detalhe” (1987: 126) que realiza uma escala de controle do corpo trabalhado, não em massa, mas na minúcia do gesto, da atitude, do ritmo. Ela procede



à distribuição dos indivíduos no espaço, um quadriculamento no qual cada indivíduo tem seu lugar e cada lugar tem seu ocupante. É um espaço analítico, que favorece a observação e que estabelece as presenças, as ausências e as comunicações desejáveis. É um espaço celular, mesmo que os compartimentos sejam ideais. Trata-se de transformar uma multidão inútil e perigosa numa multiplicidade organizada, não necessariamente para uniformizá-la, mas para tirar proveito de sua diversidade.

Imaginemos uma aula de aeróbica, aerofunk ou mesmo de hidroginástica. As pessoas se distribuem pela sala de maneira que seus movimentos não esbarrem nos de seus vizinhos. Circunscrevem, portanto, o seu território de atuação. Mas fixam-no somente em função do “quadro vivo” de pessoas que compõem a sala, não de um espaço físico concreto. Se um exercício exige que se dê dois passos adiante, por exemplo, todo o conjunto se desloca simultaneamente, e dessa forma o quadro não se desfaz com o movimento mas, ao contrário, permite coordená-lo.

Se preferirmos observar uma sala de musculação, o espaço celular não será só ideal, mas concretamente circunscrito pelos diferentes aparelhos. Até as técnicas orientais de trabalho do corpo, como a ioga ou o tai-chi-chuan, podem proceder a uma distribuição semelhante dos indivíduos no espaço. Para quem opta por atividades físicas mais individualizadas, como a natação ou a corrida, em que o próprio ritmo não precisa se concatenar à velocidade dos demais praticantes de modo tão estrito, o percurso também é previamente traçado, seja por meio das raias, seja das pistas de cooper.

Uma outra característica importante da disciplina é, segundo Foucault, a utilização exaustiva do tempo, uma minúcia para constituir um tempo integralmente útil. Divide-se a duração em segmentos, cada um com seu uso específico; organizam-se seqüências segundo um esquema analítico fundado no elementar; estabelecem-se séries de séries, ou uma “polifonia disciplinar dos exercícios” (1987: 136). Na verdade, o ponto nevrálgico desse conjunto é a elaboração temporal do ato, articulando o corpo e o gesto.

#### **A cultura do corpo**

Maria Eduarda da Mota Rocha



## A cultura do corpo

Maria Eduarda da Mota Rocha

<sup>5</sup> *Saúde, Beleza e Forma Física*, n.º 32, 1995, p. 45. Todas as referências à revista dizem respeito a esta edição.

Nas aulas de step, hidroginástica, aerofunk e aeróbica, por exemplo, essa elaboração é tão visível quanto natural. Não se precisa pensar a respeito para seguir todos os passos dessa cadência tempo-gestual. O instrutor demonstra o exercício decompondo-o minuciosamente e lentamente em partículas elementares de movimentos: “Pernas abertas, joelhos semiflexionados, cotovelos flexionados, palmas das mãos unidas atrás da cabeça, tomando cuidado para não afastar demais os cotovelos, estendê-los agora”<sup>5</sup>. Aos movimentos básicos vão sendo pouco a pouco acrescentados outros, de maneira que nas aulas mais elaboradas de aeróbica ou aerofunk, por exemplo, chega-se a uma coreografia que exige bastante coordenação e ritmo. Memória, nem tanto, pois a sequência vai sendo fixada de maneira que os primeiros termos vão se tornando automáticos, enquanto a atenção se volta para os mais recentes.

Um outro ponto a ser destacado é a articulação corpo-objeto: “A disciplina define cada uma das relações que o corpo deve ter com o objeto que manipula” (1987: 136). Ela põe em jogo os elementos do corpo, do objeto, articula-os segundo gestos simples e estabelece uma ordem. E não é diferente o mecanismo que opera a relação do corpo com os acessórios dos exercícios, como os alteres, o banquinho do step, o palmar e a prancha da hidroginástica, os aparelhos de musculação. Com eles é preciso ter o cuidado de realizar o movimento exatamente como prescrito, na forma e no tempo corretos, senão os resultados não serão os desejados, podendo até comprometer a saúde da coluna ou das articulações, por exemplo.

Segundo Foucault, os mecanismos disciplinares tendem a se decompor em processos flexíveis e adaptáveis, de maneira que podem se desinstitucionalizar e circular livremente pelo espaço social. E o objetivo dessas nossas indicações foi mostrar que a idéia de sociedade disciplinar como o lugar de disseminação desses mecanismos para além das prisões e reformatórios é facilmente aplicável às práticas de cuidado com o corpo, segundo a lógica do seu cultivo, presente tanto nas academias de ginástica como na revista e nos programas de TV que divulgam exercícios físicos. Se



adotarmos esse prisma para pensar a “cultura do corpo”, entretanto, teremos um impasse em relação à perspectiva de Mike Featherstone. Para Foucault, a sociedade disciplinar se opõe àquela do espetáculo, onde uma multidão inspeciona um pequeno número de objetos, e cujo exemplo maior se encontra na Antigüidade. Nas suas palavras: “Nossa sociedade não é a do espetáculo, mas da vigilância; sob a superfície das imagens investem-se os corpos em profundidade; atrás da grande abstração da troca, se processa o treinamento minucioso e concreto das forças úteis” (1987: 196).

Ora, na exposição que fizemos das idéias de Featherstone, fica claro que para ele o traço maior da sociedade contemporânea é o peso e abrangência do componente estético, e no caso específico do corpo isso significaria o despontar da boa aparência como seu instrumento mais útil e objetivo maior. No trânsito pelo social, é a proliferação de inúmeros microespetáculos, às vezes solitários, onde estrelam os corpos em exposição, que chama a atenção de Featherstone.

A câmera, que para Christopher Lasch é o emblema maior da atual sociedade do espetáculo, recorta uma imagem que é ao mesmo tempo exposição e vigilância daquilo que retrata. É o próprio Lasch que, ao tratar daquilo que chama de cultura do narcisismo, afirma: “Entre os muitos usos narcisistas que Sontag atribui à câmera a *autovigilância* situa-se entre os mais importantes, não só porque proporciona os meios técnicos de incessante *auto-escrutínio*, mas porque torna o senso de identidade dependente do consumo de imagens do eu, ao mesmo tempo colocando em questão a realidade do mundo exterior” (1983: 73) (grifos nossos).

Não se trata, então, de uma oposição entre espetáculo e vigilância, mas de diferentes concepções do espetáculo. Para Foucault, trata-se sempre de uma multidão que inspeciona um pequeno número de objetos. O contrafluxo desse movimento seria a vigilância. Lasch e Featherstone não concebem da mesma forma e entendem a proliferação de imagens e a extensão do fruir estético como uma espetacularização da vida, que certamente não exclui a



## A cultura do corpo

Maria Eduarda da Mota Rocha

vigilância mas a reforça, dando-lhe imagens sobre as quais se versar.

Só que Lasch traz um elemento novo e fundamental para a análise dos discursos sobre o corpo belo e saudável em nossa sociedade. É a idéia de autovigilância, deixada de lado tanto por Featherstone como pelo Foucault de *Vigiar e punir*. Ora, para este último a disciplina implica e enfatiza sempre um elemento de coerção exterior ao sujeito disciplinado. Quando é o próprio indivíduo que se constitui como sujeito moral de suas ações e representações, entra-se no domínio da ética. Já foi dito que essas fronteiras eram, para o próprio Foucault, mais analíticas do que empíricas (FREIRE, 1995). O que significa que, ao lançar o olhar sobre o real, estas dimensões se confundem e nos confundirão, se guardarmos o mesmo afã de assepsia conceitual.

A visão de que na história há uma constelação de elementos em que, num dado momento, uns são proeminentes enquanto outros submergem na obscuridade nos indica a complexidade, ambigüidade e simultaneidade do real. E é o próprio Foucault quem nos lembra que a experiência é a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade (1984: 10). Assim, não há porque encerrar a perspectiva das sociedades contemporâneas focalizando somente seus tipos de normatividade (a disciplina), como se estes fossem mais fundamentais que os outros elementos, mas, ao contrário, podemos também tentar perceber onde e como são os indivíduos chamados a se constituir como sujeitos morais de suas ações.

Tentemos ler o Foucault de *História da sexualidade II*<sup>6</sup>: “O preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de vida, desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações a até mesmo instituições; ele proporcionou, enfim,

<sup>6</sup> O tratamento dado à *História da sexualidade II* e à *História da sexualidade III*, neste artigo, atenua suas discrepâncias. As diferenças são muitas e claramente explicitadas pelo próprio Foucault. Mas, no âmbito deste trabalho e no tocante a esta temática, não nos pareceu pertinente e necessário explorá-las.



um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber” (1984: 50).

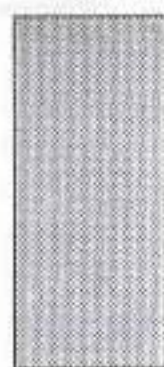
Não poderíamos dar à “cultura do corpo” uma melhor definição, acrescentando somente que se trata de um fenômeno contemporâneo. Todos esses apontamentos podem lhe ser facilmente imputados. Tomando a revista *Saúde, Beleza e Forma Física* como veículo de um discurso prescritivo sobre o corpo, encontramos elementos para pensar que a dimensão ética, tal como explorada por Foucault em *História da sexualidade II e III*, é amplamente enfatizada pelos profissionais especializados em forma física, dentro desse campo de saber e ação. Desta forma, temos que ir além da análise de Mike Featherstone, segundo a qual a busca por uma boa aparência é ditada essencialmente por um afã de majorar o “valor-de-troca” do próprio corpo, afã que por sua vez é inexoravelmente determinado por uma entidade exterior aos indivíduos, o “mercado”. A “cultura do corpo”, ao contrário, pode aparecer como um terreno de constituição dos sujeitos *vis-à-vis* a seus próprios corpos e, portanto, a si mesmos.

Teçamos então algumas considerações sobre a revista. Seu título, de saída, é emblemático. Em letras pequenas, “Saúde, Beleza”, e em letras grandes, “Forma Física”. Certamente há na forma física adequada algo como um índice de um corpo saudável e belo. Porém, não é inequívoca a submissão da saúde à aparência, mas, ao contrário, parece haver uma identificação imediata entre ambas, de maneira que uma possa indicar a outra. Instituir uma escala de importância para os objetivos dos praticantes e simpatizantes da “cultura do corpo” é ignorar a diversidade de conteúdos práticos e simbólicos que este campo abraça. E essa é a tendência de abordagens como a de Featherstone, para quem a aparência é o fim último de qualquer cuidado com o corpo.

Antes de mais nada, podemos inferir pelos anúncios publicitários que se trata de um público-alvo muito diversificado. Desde instrutores e donos de academias (anúncio de raíais para piscinas e de fitas cassete com música para aulas de ginástica), até simples interessados em boa aparência (regimes milagrosos). Mas a maior

#### A cultura do corpo

Maria Eduarda da Mota Rocha



## A cultura do corpo

Maria Eduarda da Mota Rocha

parte das mensagens se endereça a praticantes assíduos de esportes e atletas profissionais (complementos alimentares e artigos esportivos). De todo modo, qualquer consideração mais geral deve levar em conta esta diversidade de público que de fato indica uma multiplicidade de maneiras de lidar com a “cultura do corpo”.

Da mesma forma, não podemos segmentar um aspecto do indivíduo sobre o qual se detenha exclusivamente a revista. Não é só de forma física que se trata. Na verdade, percebemos uma preocupação em prescrever os “regimes” ideais para muitos componentes da vida pessoal: sexo, alimentação, exercícios, relação entre a personalidade e a modalidade esportiva, cuidados com a pele e o cabelo, e até dicas de moda.

A saúde e a beleza parecem ser as finalidades últimas desses “regimes”. Mas não há estreitamento de perspectiva, associando forma física apenas a vigor físico. É interessante notar a existência de toda uma concepção de regime que abarca a vida do indivíduo em quase todos os seus aspectos: como gastar suas energias, como repô-las, como maximizar o seu uso e como minimizar os efeitos maléficos do tempo sobre o corpo. Como diz Foucault em relação ao mundo antigo, “uma existência racional não pode desenrolar-se sem uma prática de saúde que constitui, de certa forma, a armadura permanente da vida cotidiana, permitindo a cada instante saber o que e como fazer” (1984: 107).

E quanto mais aspectos da vida individual são contemplados, mais se coloca a necessidade de uma rígida autodisciplina para alcançar as medidas, a aparência e o comportamento ideais. Neste sentido, Featherstone tem razão ao dizer que “disciplina e hedonismo não mais são vistos como incompatíveis, na medida em que a subjugação do corpo através do ‘manter-se em forma’ é apresentada na cultura do consumo como uma precondição para que se alcance uma aparência aceitável e para a realização da capacidade expressiva do corpo” (FEATHERSTONE, 1993: 18)<sup>7</sup>.

Para esse mesmo autor, do século XV aos nossos dias se opera uma mudança de tratamento do corpo como veículo de prazer. Antes, tinha-se sobretudo a preocupação de fugir das

<sup>7</sup> Tradução livre. “*Discipline and hedonism are no longer seen as incompatible, indeed the subjugation of the body through body maintenance routines is presented within consumer culture as a precondition for the achievement of an acceptable appearance and the release of the body's expressive capacity.*”



tentações da carne, disciplinando o corpo para salvar a alma. Agora, teríamos uma preocupação em cair nas tentações da carne, e para isso o uso disciplinado das energias do corpo é um meio de se obter a aparência desejável. O corpo, enquanto veículo de prazer e auto-expressão, é a senha que permite a entrada dos indivíduos no “mercado”, e sua aparência determina as possibilidades que esse mesmo indivíduo terá para realizar seus desejos num contexto de tonalidades hedonistas. As tentações são, portanto, outras. Registram-se não tanto no pecado da promiscuidade ou da vaidade, mas numa vida sedentária ou numa alimentação desbalanceada. A busca de prazer imediato não pode dispensar o cuidado com a boa aparência e o cultivo da auto-imagem freqüentemente envereda pelas vias da disciplina, renúncia e sacrifício. Convenhamos: não é fácil se abster de todas as opções de diversão sem esforço de nossa sociedade, como o cinema ou a TV, em troca de algumas horas de esforço nas academias. Tampouco é simples trocar o açúcar, as frituras, os condimentos mais fortes por algumas colheres de grão integral ou de proteína sem gordura.

Isso nos dá instrumentos para questionar a já consagrada dissociação, adotada por Lasch, por exemplo, entre a fase do capitalismo nascente, com sua ética puritana e individualista, seus rígidos ideais coletivos e autoridade familiar inequívoca centrada na figura do pai, e uma época marcada pela “cultura do narcisismo”, caracterizada por uma fragmentação da autoridade familiar, pelo crescimento das funções e carreiras burocráticas e pelo declínio da idéia de caráter (bom ou mau, prefigurado desde o nascimento do indivíduo) em prol da noção de personalidade (magnética ou sem atrativos, moldável segundo os interesses do indivíduo). Esta rápida síntese das idéias de Lasch é apenas a referência primeira para o contraponto que pretendemos fazer.

A personalidade narcísica se caracterizaria, entre outros aspectos, pela incapacidade de investimento num projeto, pela impossibilidade de adiamento da gratificação. É, concretamente, hedonista. Logo se vê que este conceito não se adequa a uma parcela significativa do discurso sobre o corpo. Nele se percebe, por

#### **A cultura do corpo**

Maria Eduarda da Mota Rocha



### A cultura do corpo

Maria Eduarda da Mota Rocha

exemplo, uma ênfase tanto no sacrifício, na renúncia e na sobriedade dos costumes como índices de fibra moral, quanto no papel ativo do indivíduo, chamado a tomar-se a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação. A proximidade com as características comumente apontadas da ética puritana não pode ser deixada de lado como mero resíduo de uma fase anterior de nossa história. Merece, ao contrário, uma análise um pouco mais aprofundada.

Em primeiro lugar, quanto ao papel ativo do indivíduo, chamado a tomar-se como objeto do conhecimento e ação, é preciso dizer que não vai de encontro à idéia de estetização da vida cotidiana, que deve ser considerada em seus diferentes aspectos. Não só como um fluxo intenso de imagens, fazendo da vida “uma enorme sala de espelhos” (LASCH, 1983: 73), como numa academia onde as *performances* se multiplicam, mas também como a tentativa de fazer da própria vida uma obra de arte, o que não exclui um “regime” moral em que a recusa, o sacrifício e a disciplina são instrumentos indispensáveis para a auto-realização. É esse aspecto da estetização da vida cotidiana que Featherstone, apesar de apontar, não aplica na análise do corpo numa sociedade de consumo.

Ora, o fazer da própria vida uma obra de arte se coaduna com as tais “artes da existência” que Foucault descreve como “práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer da vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo” (1984: 15). A constituição do sujeito moral implica modos de subjetivação que pressupõem a instauração e desenvolvimento das relações consigo, de reflexão sobre si, de conhecimento e transformação de si. É um dos aspectos do individualismo, aquele que se refere ao “indivíduo chamado a tomar-se a si mesmo como objeto de conhecimento e campo de ação” (1985: 47). Logo se vêem as relações estreitas que mantêm com a “cultura de si”.

Também hoje os cuidados com o corpo parecem ter como principal instrumento o próprio indivíduo. Claro que podemos



perceber a presença dos “especialistas”, que para autores como Christopher Lasch são responsáveis por uma certa infantilização dos indivíduos numa cultura do consumo. Mas a particularização dos padrões ideais em cada um dos aspectos do ser humano parece redundar numa individualização das responsabilidades em relação ao corpo. Em diferentes seções da revista, vemos uma preocupação em individualizar o padrão ideal. Nos exercícios, é preciso reconhecer os próprios limites. Na matéria sobre vitaminas, não se prescreve nenhuma dosagem ideal, mas se esclarece os efeitos e as funções de cada uma delas e se chama a atenção para o fato de que a composição de cada indivíduo em particular tem que ser considerada.

Há também uma seção especializada em psicologia do esporte que tenta relacionar cada modalidade esportiva a um tipo ou característica da personalidade, mas como aconselha que o indivíduo deve buscar praticar o esporte que bem lhe aprouver, sem se deixar enquadrar por rótulos do tipo: “Se você é agressivo, deve fazer judô” (p. 12).

Parece haver uma margem de liberdade para o indivíduo, responsabilizado pelas escolhas e pelo trato com o próprio corpo. Os “especialistas” estão aí, mas seus conselhos parecem orbitar em torno da necessidade de autoconhecimento, autocontrole e autodisciplina por parte do próprio indivíduo. E se, ao ser ator no “cultivo de si”, ele se constitui como sujeito moral, então temos na “cultura do corpo” a forte presença de um componente ético, e não somente elementos utilitários ou finalistas, como sugere a idéia de corpo reificável, defendida por Featherstone. Sendo a reificação a tomada de um dado objeto como alheio à atividade que o constitui, é uma idéia que não se aplica a essa parcela do discurso sobre o corpo que agora analisamos. Nela, o corpo saudável e belo indica um agir de acordo com uma moral, entendida aqui não no sentido de código explicitamente definido, mas como um tipo de subjetivação. O corpo serve, portanto, como emblema de todo um percurso, uma arte da existência que deve conduzi-lo à beleza e à saúde.

#### **A cultura do corpo**

Maria Eduarda da Mota Rocha



## A cultura do corpo

Maria Eduarda da Mota Rocha

Se por um lado, como coloca Featherstone, o corpo na cultura do consumo deixa de ser um “veículo do pecado” tal como na era vitoriana, por outro, muitos pecados podem ser cometidos em relação ao corpo (não tanto por meio dele). Permitir-se certos excessos ou negligências é contrariar uma ética bastante rígida em relação aos cuidados consigo; é talvez indício de uma fraqueza moral. Temos o exemplo de um anúncio de biscoito de fibra e mel cujo *slogan* diz: “Pecado é não comer”, já fazendo alusão a uma série de interdições não claramente explicitadas mas interpretadas pelos sujeitos em sua relação com regras estabelecidas e subentendidas. Não se diz, na revista, “não coma açúcar”, mas, ao contrário, em matéria sobre as dietas, fala-se da importância dos carboidratos quando ingeridos “na dosagem certa”. Essa quantidade, entretanto, não é fixada. O mesmo acontece em relação à matéria sobre as vitaminas, em que o equilíbrio é enfatizado mas nunca fixado em termos de miligramas ideais para qualquer indivíduo. O exemplo mais claro, entretanto, é a já mencionada matéria sobre esporte, cuja chamada na capa é: “Qual o esporte ideal para você?”. No desenrolar da matéria, fala-se das diferentes visões psicológicas sobre como escolher a modalidade esportiva ideal para cada indivíduo, mas não se diz qual delas é a melhor, aconselhando-se o indivíduo a seguir sua própria vontade.

Entretanto, a individualização dos padrões e o despontar do sujeito como o principal agente nesse processo não parecem excluir uma tentativa de normalização dos corpos dos indivíduos, seu alinhamento em função de certos padrões de desejabilidade. Na verdade, a idéia de normalização para Foucault pressupõe uma mudança de enfoque do *pathos* para o *patológico* propriamente dito, sendo este último um conceito resultante da oposição entre normalidade e morbidez. Referindo-se à medicina greco-romana dos dois primeiros séculos depois de Cristo, ele diz: “Deve-se compreender que essa medicina da *chrésis aphrodision* não procurou proceder a uma delimitação das formas patológicas do comportamento sexual: ela fez aparecer antes de mais nada, na raiz dos atos sexuais, um elemento de passividade que também é um princípio de



doença segundo a dupla significação do *pathos*” (III: 144), este último designando a passividade do corpo ou o descontrole da alma.

Não pretendemos falar em um processo normalizador no sentido estrito de uma separação entre normal e patológico, mas colocar a questão em outros termos, sem ignorar que estamos violando a posição original do autor. Em primeiro lugar, pensamos poder falar em normalização por ser a “sanção normalizadora”, um dos instrumentos do poder disciplinar apontados por Foucault, um elemento que não se ausenta das práticas mais usuais de cuidado com o corpo. Sobretudo se não a pensamos apenas em seu pólo negativo, como punição, mas também como recompensa possível pelo agir de acordo com a “norma”, recompensa que pode se materializar num alto prestígio entre os praticantes de atividades físicas ou numa boa aparência, por exemplo.

Vejamos o que diz Foucault: “As marcas que significavam *status*, privilégios, filiações tendem a ser substituídas ou pelo menos acrescidas de um conjunto de graus de normalidade, que são sinais de filiação a um corpo social homogêneo, mas que têm em si mesmos um papel de classificação, de hierarquização e de distribuição de lugares” (1987: 163). A figura do instrutor, nas academias, ocupa o topo da hierarquia e tem a função de avaliar, ensinar e corrigir seus subalternos. É ele também quem determina, nem sempre explicitamente, em que grau de desenvolvimento estão seus alunos, e freqüentemente os melhores são chamados a ocupar a frente da sala, onde pelo efeito do espelho podem ter todos os seus movimentos expostos aos menos hábeis e dispostos.

Além do mais, tanto a sanção normalizadora quanto a vigilância materializada na figura do panótico podem ser, por um artifício de um pensamento atirado, aproximadas de um controle exercido não tanto por um poder exterior, mas também pelo próprio sujeito/objeto. Os padrões estéticos de cada período, sendo internalizados pelos sujeitos, podem assumir o lugar desse “agente exterior”, controlando os padrões individuais de conduta relativos ao corpo. Assim, vejamos o exemplo do espelho nas academias de ginástica. É um juiz implacável frente às micropenalidades que se

#### A cultura do corpo

Maria Eduarda da Mota Rocha



### A cultura do corpo

Maria Eduarda da Mota Rocha

cometam numa aula de ginástica. É um potente instrumento de exposição recíproca dos praticantes das atividades físicas mencionadas, e também uma via aberta para o olhar vigilante, sobretudo autovigilante. Através do espelho o indivíduo pode ver o instrutor em sua demonstração de um saber (perfeição) e ostentação de um poder sobre si (resistência), pode ver e ser visto pelos outros em suas tentativas de se igualar ao modelo, e pode finalmente ver a si mesmo nessa mesma tentativa, percebendo seus limites e dificuldades e comparando-os com os dos outros.

Em segundo lugar, pensamos poder falar em normalização na medida em que podem ser rastreados, dentro do discurso da revista, por exemplo, padrões ideais de conduta (duração e tipo de atividade física, dieta alimentar etc.) que pretensamente conduzirão os indivíduos rumo aos padrões físicos ideais (peso, medidas, proporção entre gordura e músculos etc.). Só que estes padrões norteadores das condutas dentro da “cultura do corpo” parecem postos antes em termos de desejabilidade do que de normalidade, pelo que podemos perceber na revista. De qualquer forma, eles convergem geralmente para o “natural”, e o antinatural ganha a forma do excesso.

No tocante ao sexo, por exemplo, a palavra de ordem é *dosar* para maximizar o prazer sem abusar do corpo. Em seções sobre exercícios, vitaminas e diferentes tipos de dieta, a mesma preocupação com o *excesso* aparece. Excesso que, quem diria, é considerado não só em relação a uma vida sedentária e uma alimentação desbalanceada, mas também ao exagero nos exercícios e no sexo ou ao rigor da dieta alimentar. Um exemplo é o título da matéria sobre a alimentação: “O perigo das dietas verdes: nem só de frutas, legumes, verduras e grãos se faz uma alimentação saudável” (p. 3).

No discurso multifacetado da revista podemos encontrar similitudes com a concepção greco-romana segundo a qual o indivíduo deve procurar respeitar os limites de sua constituição natural. Claro que na “cultura do corpo” fomenta-se uma busca frenética pela extensão dos limites naturais da vida e da vitalidade.



As técnicas de rejuvenescimento estético se enquadram nessa rubrica, assim como as vitaminas e os complementos alimentares que dão uma carga extra de energia aos que pretendem ir além do esforço físico suportável em condições “naturais”. Mas entre as matérias da revista o que se percebe é um discurso “temperante”, sendo a temperança, quando referida aos atos sexuais, “uma arte, uma prática dos prazeres que é capaz, ao usar daqueles que são baseados na necessidade, de se limitar ela própria” (1984: 54). Necessidade e natureza se equivalem nesse contexto, e para isso basta lembrar a proposta de “animalização” presente em algumas doutrinas antigas analisadas por Foucault.

Trata-se de seguir os impulsos da natureza (do corpo), fugindo dos sobressaltos tentadores da alma. O *pathos* é sobretudo esse movimento da alma que a arrebatava apesar dela própria (1985: 62). “Se os humanos têm a necessidade de um regime que leve em conta, com tanta meticulosidade, todos os elementos da fisiologia, é porque eles tendem, incessantemente, a deles se afastarem pelo efeito de suas imaginações, de suas paixões, de seus amores” (1985: 136). E para os gregos o perigoso veículo da paixão é o *olhar*. São as imagens que incitam o corpo a um desejo antinatural. Aqui estamos de volta à temática da estetização da vida cotidiana, desta vez para concatenar a busca pela auto-imagem ideal e o transpor dos limites do próprio corpo. Na revista, podemos perceber às vezes uma integração, outras vezes uma tensão pulsante, entre um discurso temperante, pautado pela saúde, bem-estar e beleza “naturais”, e um chamado incessante a que se aumente o “valor-de-troca” do próprio corpo no mercado das aparências, como em anúncios do tipo “Diet Shake não tem concorrentes, mas você tem!” (contracapa).

É curioso ver uma revista especializada em forma física pregando a moderação quanto aos cuidados com o corpo. O exagero pode prejudicar a saúde tanto quanto a falta de exercícios ou de rigor na alimentação. Mas não se trata de uma preocupação infundada. Há na revista um anúncio de uma pomada para dores musculares que diz: “Calminex — Quem passa dos limites passa Calminex



### A cultura do corpo

Maria Eduarda da Mota Rocha

atleta: passe por cima da dor” (p. 16). Não se dirige apenas a profissionais, mas a praticantes de esportes em geral.

Porém, o excesso é só um dos perigos que ameaçam o seu sucesso. O outro lado da moeda é a busca fácil pelo aumento do “valor-de-troca” do próprio corpo. É nesses termos que Featherstone trata a preocupação com a aparência como veículo de auto-expressão e de melhor trânsito pelo espaço social. O corpo pode maximizar o prazer do indivíduo, aumentando seu “valor-de-troca.” Se para alguns adeptos da “cultura do corpo” há uma moral e um regime que prescrevem uma vida regrada e cuidados generalizados em prol da saúde, para outros, pouco importam os meios. A busca da beleza fácil não lhes parece fraqueza. Há anúncios de remédio para emagrecer do gênero “antes e depois” de duas semanas de tratamento. Há outro de uma clínica de medicina especializada em beleza, com resultados rápidos e sem tantos sacrifícios.

Como podemos perceber, uma generalização a partir de qualquer um dos aspectos da “cultura do corpo” não é desejável quando se quer ter uma visão mais detalhada de sua configuração. Preferimos encerrar o texto mostrando que, se os anseios do público são variados e muitas vezes excluem o sacrifício e a disciplina, a revista, tomada como um conjunto multiforme, parece apontar na direção de uma “dietética” que se estende a vários aspectos da vida do indivíduo, prescrevendo-lhes padrões particularizáveis que exigem o “cultivo” do corpo, no sentido primeiro de preparar o terreno, semear, adubar, para somente depois desfrutar dos resultados. Pode-se fazer disto uma rotina e uma razão tão fortes que, mesmo depois de se alcançar um alto “valor-de-troca” ou de exposição para o próprio corpo, exagera-se, levando-o à exaustão e prejudicando a própria saúde. Percebe-se aqui a atuação de pressões exteriores aos indivíduos, como o mercado de bens e signos sobre o corpo, que enfatiza a beleza e discrimina — tanto no sentido de diferenciar como no de atribuir um valor negativo — aqueles que não se adequam aos padrões estabelecidos. Mas, no nosso entender, essa pressão não seria tão atuante se tais padrões não fossem adotados pelos indivíduos como um *telos* digno de guiar seus cuidados



cotidianos consigo. A partir daí, a própria atividade, e não apenas seus fins, pode se converter num processo de aperfeiçoamento e autovalorização éticos ao qual se atribui um grande valor. Mas existe também a possibilidade de buscar resultados fáceis e rápidos, e consumir essa “onda” com a mesma frugalidade com que se pode usufruir de outros bens, padrões e significados da cultura do consumo.

Aprofundar a análise demandaria seguir o rastro de outras revistas e publicações especializadas, bem como uma abordagem dos próprios consumidores para saber os objetivos e significados que lhes atribuem. Essa nossa tentativa serve apenas para mostrar a necessidade de refinar o tratamento do tema, diante da diversidade de práticas e representações que compõem modos particulares de lidar com a “cultura do corpo”. O que diferencia estes modos entre si é justamente a maneira como combinam uma “disciplina”, uma “ética” e uma “estetização” do corpo. A chave para entender a “cultura do corpo” e seus diversos modos de atualização é a forma em que se conjugam o culto e o cultivo dessa matéria sensível carregada de significados socialmente elaborados. ■

#### **A cultura do corpo**

Maria Eduarda da Mota Rocha

ROCHA, Maria Eduarda da Mota . Culture of the body. **Plural**; Sociologia, USP, S. Paulo, **5**: 66-87, 1.sem. 1998.

*Abstract:* This article intend discuss the “culture of the body”, that is the practice of worship and cultivation of the body for the construction of the moral person and for the expression of the phisical reality aesthetic value.

*Uniterms:* culture of the body, disciplin, featherstone, Foucault.



## A cultura do corpo

Maria Eduarda da Mota Rocha

## BIBLIOGRAFIA

FEATHERSTONE, Mike. *Consumer culture and postmodernism*. Londres, Sage, 1991.

\_\_\_\_\_. *The body in consumer culture*, 1993 (mimeo).

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade III: O cuidado de si*. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

FREIRE, Jurandir. Notas sobre sua conferência no “Colóquio Foucault”. São Paulo, USP, abril de 1995.

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro, Imago, 1983.

*Saúde, Beleza e Forma Física*, ano 3, n.º 32, 1995.